

AS REPERCUSSÕES COTIDIANAS DO LUTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA EM BASES DE DADOS NACIONAIS

The everyday repercussions of bereavement: a systematic review of literature in national databases

Las repercusiones cotidianas del dolor: una revisión sistemática de la literatura em las bases de datos nacionales

Ana Paula Nascimento dos Santos

<https://orcid.org/0000-0001-6211-6461>

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Éllen Cristina Ricci

<https://orcid.org/0000-0003-3471-1479>

Universidade Federal da Bahia, Curso de Terapia Ocupacional, Salvador, BA, Brasil.

Resumo: Introdução: O luto pode ser compreendido como um processo de construção de significados desencadeado por uma perda significativa. Pode-se dizer que se trata de um processo dinâmico no qual pode haver repercussões psíquicas, físicas, sociais e ocupacionais, convidando a pessoa enlutada a iniciar um processo de mudança e elaboração. **Objetivo:** identificar quais são as repercussões do luto no cotidiano retratadas pelas produções científicas brasileiras. **Métodos:** trata-se de uma revisão sistemática da literatura brasileira, que se utilizou da proposta organizativa do PRISMA. As bases de dados consultadas foram BVS e Scielo. Os filtros aplicados foram: publicados nos últimos 10 anos (2013 - 2023), o texto estar completo e disponível online para leitura na íntegra, e em português. **Resultados:** Foram selecionados 32 artigos para compor a revisão. Eles foram agrupados em 5 categorias, quanto à natureza da perda: luto materno (46,8%), luto de viúvas (15,6%), luto por perda de jovens na família (9,3%), luto de pais que perderam os filhos (6,25%) e outras vivências de luto por perda de familiares (15,55%). **Discussão:** A partir do material consultado e analisado, percebe-se que o processo de elaboração de luto por perda de entes queridos também é caracterizado por um período de rearranjos cotidianos. Observou-se que o processo de luto de mulheres tem ganhado muito mais atenção. **Conclusão:** Como limitações da pesquisa, pode-se apontar que só foram consultadas bases de dados nacionais e com artigos em português, não abrangendo a literatura internacional.

Palavras-chave: Luto. Atividades Cotidianas. Revisão de Literatura.

Abstract: Introduction: Bereavement can be understood as a process of constructing meanings triggered by a significant loss. It can be said that it is a dynamic process in which there may be psychological, physical, social and occupational repercussions, inviting a bereaved person to begin a process of change and elaboration. **Objective:** to identify the repercussions of grief in everyday life portrayed by Brazilian scientific productions. **Methods:** this is a systematic review of Brazilian literature, which was used by PRISMA's organizational proposal. The databases consulted were BVS and Scielo. The filters applied were: published in the last 10 years (2013 - 2023), the text will be complete and available online to read in full, and in Portuguese. **Results:** 32 articles were selected to compose a review. They were grouped into 5 categories, regarding the nature of the loss: maternal grief (46.8%), widows' grief (15.6%), grief for the loss of young people in the family (9.3%), grief for parents who loss of children (6.25%) and other experiences of mourning due to the loss of family members (15.55%). Discussion: From the consulted and detailed material, it is clear that the process of mourning the loss of loved ones is also characterized by a period of daily rearrangements. It should be noted that the grieving process of women has gained much more attention. **Conclusion:** As limitations of the research, it can be indicated that only national databases with articles in Portuguese were consulted, not covering international literature.

Keywords: Bereavement. Daily Activities. Literature review.

Resumen: El luto puede ser comprendido como un proceso de construcción de significados desencadeado por una pérdida significativa. Se puede decir que se trata de un proceso dinámico que no puede tener repercusiones psíquicas, físicas, sociales y ocupacionales, convidando a una persona enlutada a iniciar un proceso de mudanza y elaboración. **Objetivo:** identificar quais são as repercussões do luto no cotidiano retratadas pelas produções científicas brasileiras. **Métodos:** trata-se de una revisión sistemática de la literatura brasileña, que utiliza la propuesta organizativa de PRISMA. As bases de datos consultadas foram BVS e Scielo. Los filtros aplicados en el foro: publicados en los últimos 10 años (2013 - 2023), el texto estará completo y disponible en línea para lectura integrada y en portugués. **Resultados:** Foro seleccionado 32 artículos para componer una revisión. Eles foram agrupados em 5 categorias, quanto à Natureza da Perda: luto materno (46,8%), luto de viúvas (15,6%), luto por perda de jovens na família (9,3%), luto de pais que perderam os filhos (6,25%) e outras vivências de luto por perda de familiares (15,55%). **Discusión:** A partir del material consultado y analizado, se percibe que el proceso de elaboración de luto por perda de entes queridos también se caracteriza por un período de rearranjos cotidianos. Observe que el proceso de luto de mujeres tem ganhado muito mais atenção. **Conclusión:** Como limitaciones de la investigación, pode-se apontar que só foram consultadas bases de dados nacionais y com artigos em português, não abrangendo a literatura internacional.

Palabras-clave: Dolor. Actividades diarias. Revisión de literatura.

Como citar:

Santos, A. P. N.; Ricci, E. C. (2025). As repercussões cotidianas do luto: uma revisão sistemática de literatura em bases de dados nacionais. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(3), 3492-3507, DOI: 10.47222/2526-3544.rbto65528

Introdução

O luto pode ser compreendido como um processo de construção de significados desencadeado por uma perda significativa. Pode-se dizer que se trata de um processo dinâmico no qual pode haver repercussões psíquicas, físicas, sociais e ocupacionais, convidando a pessoa enlutada a iniciar um processo de mudança e elaboração (Corrêa, 2010; Franco, 2021). Neste processo de construção de significados, a pessoa percorre caminhos sobrepostos e concorrentes enquanto questiona suas crenças religiosas, pertencimento e identidade, e enfrenta repercussões na saúde mental, habilidades cognitivas e desempenho de tarefas cotidianas (Franco, 2021).

O conceito de *cotidiano* ganhou destaque na literatura de terapia ocupacional brasileira a partir das contribuições de Berenice Rosa Francisco, em seu livro intitulado *Terapia Ocupacional*, publicado em 1988, que criticava a forma vigente de se compreender as AVD's e o cotidiano (Galheigo, 2020). No livro citado há uma pergunta reflexiva: será que o terapeuta ocupacional, ao reduzir o cotidiano às atividades da vida diária (que, por sua vez, são restringidas a meras ações mecânicas), está preparando as pessoas para o cotidiano concreto? (Francisco, 1998).

Deste modo, o cotidiano não era uma rotina; não era a repetição mecânica de fazeres. Cotidiano era o lugar no qual as pessoas buscavam exercer as atividades de forma transformadora, condizente com o contexto no qual se vive. Como exemplo, a autora cita o ato de comer. Alimentar-se é um ato de sobrevivência humana básica, mas ele é realizado das mais diversas maneiras por diferentes povos. Da escolha dos ingredientes à forma de ingeri-lo, tudo diz da cultura daquele local e de como as pessoas concebem a sua realidade (Francisco, 1998).

Logo, conhecer a vida cotidiana vai muito além de olhar para as AVD's. Afinal, o cotidiano reflete a relação sujeito-cotidiano-história-sociedade (Francisco, 2001).

Para Sandra Galheigo (2003), o terapeuta ocupacional ocupa uma posição privilegiada para contribuir com a elaboração crítica da vida cotidiana das pessoas, uma vez que tem se debruçado neste conceito desde suas origens como profissão. A leitura do cotidiano permite conhecer os modos de pensar, agir e sentir de sujeitos e coletivos, expondo o que se encontra em seus sentimentos, sonhos, memórias, necessidades e afetos, que, por sua vez, testemunham sobre o tempo presente no qual eles estão (Galheigo, 2003).

Nesse sentido, é preciso reforçar que, para a terapia ocupacional, o conceito de cotidiano não pode ser confundido com a mera execução de atividades de vida diária. Embora estas façam parte do cotidiano, elas não o esgotam. O cotidiano, tal como elaborado por autoras como Francisco (2001) e Galheigo (2003), é compreendido como um campo dinâmico onde se entrelaçam vivências, relações sociais, processos históricos e culturais. Trata-se de uma dimensão existencial que ultrapassa uma simples execução de AVDs, exigindo do terapeuta ocupacional uma escuta atenta às formas como os sujeitos constroem sentidos, enfrentam tensões e transformam sua realidade no decorrer da vida cotidiana. Na exposição sobre o luto e suas repercussões, pontuou-se que o mesmo se configura como um processo biopsicossocial e ocupacional, ou seja, atravessa os limites do psíquico e físico e manifesta-se nas atividades cotidianas, uma vez que as atividades cotidianas expressam o mundo subjetivo daquele que

está de luto (Corrêa, 2010). Deste modo, a pessoa enlutada pode apresentar dificuldades para manter a vida laborativa, o autocuidado e o envolvimento nas atividades sociais e de lazer (Souza & Corrêa, 2009).

Quando um ente querido morre, desempenhar as atividades cotidianas antes partilhadas com ela pode tornar-se uma experiência dolorosa a ser negada, uma vez que tais atividades têm o poder de desencadear muitas lembranças. Assim, além da pessoa amada, perde-se aquele fazer, perde-se uma ou mais atividades que faziam parte da vida, podendo implicar em severas limitações do mundo ocupacional (Corrêa, 2010).

Outro fenômeno também pode ser observado: o enlutado também pode ver-se excessivamente envolvido em uma forma de trabalho, negligenciando atividades grupais e de lazer. Este desequilíbrio de tempo na vivência de atividades cotidianas também pode refletir a dificuldade de elaborar a perda (Corrêa, 2010). Afinal, a vida cotidiana denuncia os sofrimentos e os afetos de cada pessoa (Galheigo, 2020).

Vale ressaltar que perdas por morte podem fazer emergir uma diversidade de sentimentos que o enlutado pode não ter repertório pessoal para enfrentar, lançando-o numa crise desorganizadora. Assim, a dor do luto torna-se uma fonte de profundo sofrimento psíquico ao provocar uma ruptura no "mundo presumido", deixando a pessoa temporariamente vulnerável psiquicamente, favorecendo o adoecimento físico e mental, tornando necessário apoio, como acompanhamento profissional (Santos, 2019). Parkes definiu "mundo presumido" como o único mundo que o ser humano conhece e se reconhece, efetivamente. O mundo presumido abrange tudo o que ele sabe ou pensa saber, incluindo sua interpretação do passado, planos presentes e as expectativas do futuro (Parkes, 1971). Deste modo, assistir pessoas enlutadas é também olhar de que forma o seu mundo presumido alterou-se e construir algo novo (Franco, 2012).

Dado o exposto, buscando compreender de que forma o luto desencadeia repercussões cotidianas, seja com atravessamentos no desempenho de atividades, seja englobando na rotina estratégias que auxiliem as pessoas no processo de elaboração, este trabalho tem como objetivo identificar quais são as repercussões do luto no cotidiano retratadas pelas produções científicas brasileiras.

Metodologia

Para responder ao objetivo proposto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, tendo em vista as orientações de revisões PRISMA 2020.

A declaração do PRISMA foi desenvolvida para orientar a construção de revisões sistemáticas transparentes, que relatam por que a revisão foi realizada, quais os procedimentos empregados na seleção dos artigos e o que eles demonstram. Assim, a declaração conta com itens que auxiliam os pesquisadores a identificarem, selecionarem, avaliarem e sintetizarem estudos (Page et al., 2022). Como base de dados para investigação, escolheu-se a BVS e a Scielo. A pesquisa nas referidas bases de dados foi realizada entre os meses de abril a maio de 2023. Os filtros aplicados foram: publicados nos

últimos 10 anos (2013 – 2023), o texto estar completo e disponível online para leitura na íntegra, e em português.

Na Biblioteca Virtual de Saúde – BVS, ao serem utilizadas as palavras chaves "luto*", combinados (and) com as palavras "cotidiano*" ou (or) "atividade* diária*". Os resultados apontaram 9.866 artigos. Posteriormente, com os referidos filtros aplicados, os resultados caíram para 581. Na plataforma Scielo, ao serem utilizadas as palavras-chave "luto*", combinados (and) com as palavras "cotidiano*" ou (or) "atividade* diária*". Apareceram 603 resultados. Ao serem aplicados os filtros citados, os resultados caíram para 217 artigos.

Os 581 artigos identificados a partir da busca do BVS, e os 217 identificados a partir do Scielo passaram pela etapa de triagem. A triagem consiste em selecionar os artigos a partir da leitura do título, resumo e leitura na íntegra, nesta ordem, selecionando apenas aqueles que contribuem para responder ao objetivo da pesquisa.

Ao ler os artigos na íntegra, os critérios de inclusão do artigo foram: apresentar elementos sobre as repercussões do luto por morte no cotidiano.

Já os critérios de exclusão foram: artigos de revisões, teses e dissertações; não contribuírem com nenhum elemento que permita refletir sobre as repercussões cotidianas desencadeadas pelo processo de luto.

A figura 1, abaixo, ilustra os processos de identificação, triagem e inclusão dos artigos.

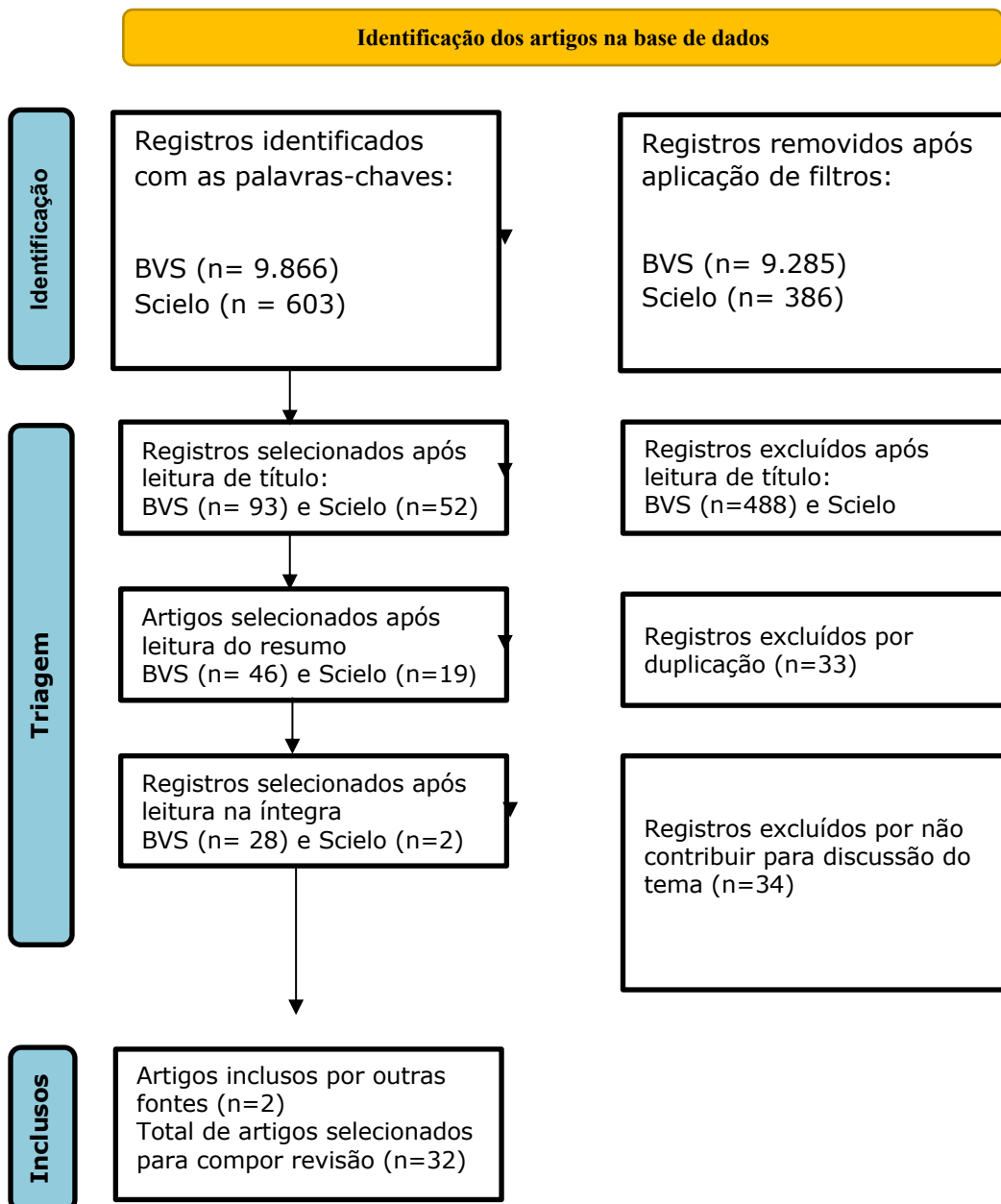


Figura 1: Diagrama de fluxo do processo de seleção dos artigos da revisão, segundo PRISMA. **Fonte:** Elaborado pelas autoras, a partir do modelo de diagrama do PRISMA 2020.

Resultados

Foram selecionados para compor a revisão 32 artigos. A seguir, na tabela 1, apresenta-se as informações gerais dos artigos selecionados, tais como título, ano e revista de publicação.

Tabela 1: informações dos artigos selecionados

TÍTULO	ANO	REFERÊNCIA
Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais	2013	Morelli, A. B., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2013). Impacto da morte do filho sobre a conjugalidade dos pais. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> , 18(9), 2711–2720. https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900026
Perda e luto: vivências de mulheres que interromperam a gestação por malformação fetal letal.	2013	Consonni, E. B., & Petean, E. B. L. (2013). Perda e luto: vivências de mulheres que interromperam a gestação por malformação fetal letal. <i>Ciência & Saúde Coletiva</i> , 18(9), 2663–2670. https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900021
Reorganização familiar e rede social de apoio pós-homicídio juvenil	2013	Domingues, D. F., & Dessen, M. A. (2013). Reorganização familiar e rede social de apoio pós-homicídio juvenil. <i>Psicologia: Teoria E Pesquisa</i> , 29(2), 141–148. https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200003
A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica	2014	Freitas, J. L. de, & Michel, L. H. F. (2014). A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. <i>Psicologia Em Estudo</i> , 19(2), 273–283. https://doi.org/10.1590/1413-737222324010
Liberdade involuntária em idosas viúvas: olhares narrativos	2014	Carrigo-Sílvia, & Neves, R. (2014). Liberdade involuntária em idosas viúvas – olhares narrativos. <i>Kairós Gerontologia. Revista Da Faculdade de Ciências Humanas E Saúde. ISSN 2176-901X</i> , 17(3), 43–57. https://doi.org/10.23925/2176-901x.2014v17i3p43-57
O jardim de Julia: a vivência de uma mãe durante o luto	2014	Oishi, K. L. (2014). O jardim de Julia: a vivência de uma mãe durante o luto. <i>Psicologia: Teoria E Pesquisa</i> , 30(1), 5–11. https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100002
Luto e enfrentamento em famílias vitimadas por homicídio	2015	Domingues, D. F., Dessen, M. A., & Queiroz, E. (2015). Luto e enfrentamento em famílias vitimadas por homicídio. <i>Arquivos Brasileiros de Psicologia</i> , 67(2), 61–74. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672015000200006&lng=es&nrm=is&tlng=pt
O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães	2015	Franqueira, A. M. R., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2015). O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. <i>Estudos de Psicologia (Campinas)</i> , 32, 487–497. https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000300013
Pais enlutados na sociedade atual: uma análise sobre suas vivências cotidianas a partir de novos critérios diagnósticos	2015	Santos, S. H., Oliveira, W., & Jesus, C. F. (2015). Pais enlutados na sociedade atual: uma análise sobre suas vivências cotidianas a partir de novos critérios diagnósticos. <i>Revista Ciências Humanas - UNITAU</i> , 8(1), 98–108. https://doi.org/10.32813/2179-1120.2015.v8.n1.a251
A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge	2017	Frizzo, H. C. F., Bousso, R. S., Borghi, C. A., & Pedro, W. J. A. (2017). A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge. <i>Revista Kairós-Gerontologia</i> , 20(4), 207. 231. https://doi.org/10.23925/2176-901x.2017v20i4p207-231
Homicídios de jovens: os impactos da perda em famílias de vítimas	2017	Costa, D. H. da, Schenker, M., Njaine, K., & Souza, E. R. de. (2017). Homicídios de jovens: os impactos da perda em famílias de vítimas. <i>Physis: Revista de Saúde Coletiva</i> , 27(3), 685–705. https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300016
Mães enlutadas: criação de blogs temáticos sobre a perda de um filho	2017	Frizzo, H. C. F., Bousso, R. S., Ichikawa, C. R. de F., & Sá, N. N. de. (2017b). Mães enlutadas: criação de blogs temáticos sobre a perda de um filho. <i>Acta Paulista de Enfermagem</i> , 30(2), 116–121. https://doi.org/10.1590/1982-0194201700019

Mulheres idosas e sua experiência após a viuvez	2017	Stedile, I. T., Martini, G.I., & Schmidt, B. (2017). Mulheres idosas e sua experiência após a viuvez. <i>Revista Pesquisas E Práticas Psicossociais</i> , 12(2), 327–343. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200007
O Luto Velado: A Experiência de Viúvas Lésbicas em uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial	2017	Arima, A. C., & Freitas, J. L. (2017). O Luto velado: a experiência de viúvas lésbicas em uma perspectiva fenomenológico-existencial. <i>Temas Em Psicologia</i> , 25(4), 1467–1482. https://doi.org/10.9788/tp2017.4-01pt
Perder um irmão até à adolescência: experiência na vida adulta	2018	Ramos, S. E. D. B. (2018). Perder um irmão até à adolescência - a experiência e o significado na vida adulta. <i>Revista de Enfermagem UFPE on Line</i> , 12(9), 2349. https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i9a236401p2349-2360-2018
Reflexões sobre a realização de entrevistas com viúvas enlutadas em pesquisas qualitativas	2018	Batista, M. P. P., Rebelo, J. E., Carvalho, R. T. de, Almeida, M. H. M. de, & Lancman, S. (2018). Reflexões sobre a realização de entrevistas com viúvas enlutadas em pesquisas qualitativas. <i>Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional</i> , 26(4), 797–808. https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1571
Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação	2018	Dutra, K., Preis, L. C., Caetano, J., Santos, J. L. G. dos, & Lessa, G. (2018). Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação. <i>Revista Brasileira de Enfermagem</i> , 71(suppl 5), 2146–2153. http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0679
Cuidado à família enlutada: uma ação pública	2019	Aciole, G. G., & Bergamo, D. C. (2019). Cuidado à família enlutada: uma ação pública necessária. <i>Saúde Em Debate</i> , 43(122), 805–818. https://doi.org/10.1590/0103-1104201912212
Falando sobre presenças-ausentes: vivências de sofrimento no luto materno	2019	Assis, G. A. P. de, Motta, H. L., & Soares, R. V. (2019). Falando sobre presenças-ausentes: vivências de sofrimento no luto materno. <i>Revista Do Nufen</i> , 11(1), 55–70. http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01artigo44
O Luto do Jovem Adulto Decorrente da Morte dos Pais pelo Câncer	2019	Busa, A. L. A., Silva, G. B. da, & Rocha, F. P. (2019). O Luto do Jovem Adulto Decorrente da Morte dos Pais pelo Câncer. <i>Psicologia: Ciência E Profissão</i> , 39. https://doi.org/10.1590/1982-3703003183780
O luto materno no desenvolvimento familiar: mães que perderam seus filhos em acidentes rodoviários	2019	Alves, F. A., & Carvalho-Barreto, A. (2019). O luto materno no desenvolvimento familiar: mães que perderam seus filhos em acidentes rodoviários. <i>Pensando Famílias</i> , 23(2), 119–133.
A mesa que encolheu: a perspectiva alimentar das mães que perderam filhos	2020	Campos, M. T. F. de S., Peluzio, M. do C. G., Melo, M. S. de S., Simonini, E., Coelho, F. M. G., & Araújo, R. M. A. (2020). "A mesa que encolheu": a perspectiva alimentar das mães que perderam filhos. <i>Ciência & Saude Coletiva</i> , 25(3), 1051–1060. https://doi.org/10.1590/1413-81232020253.15122018
Amor de mãe: mobilizando sentimentos e afetos na sustentação de uma denúncia e na reconstrução do cotidiano	2020	França, P. M. F. (2020). Amor de mãe: mobilizando sentimentos e afetos na sustentação de uma denúncia e na reconstrução do cotidiano. <i>Sexualidad, Salud Y Sociedad</i> , 275–290. https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.36.12.a
Construindo histórias e sentidos sobre uma perda familiar na vida adulta	2020	Luna, I. J. (2020). Construindo histórias e sentidos sobre uma perda familiar na vida adulta. <i>Psicologia USP</i> , 31. https://doi.org/10.1590/0103-6564e200058
Experiências de luto das mães frente à perda do filho neonato	2020	Rodrigues, L., Lima, D. D., Jesus, J. V. F. de, Lavorato Neto, G., Turato, E. R., & Campos, C. J. G. (2020). Experiências de luto das mães frente à perda do filho neonato. <i>Revista Brasileira de Saúde</i>

		<i>Materno Infantil</i> , 20(1), 65–72. https://doi.org/10.1590/1806-93042020000100005
Mães de anjos: (re)vivenciando a morte do filho como estratégia de enfrentamento	2020	Soares, L. G., Kuchla, É., Mazza, V. de A., Soares, L. G., Ferraz, M. I. R., & Mattei, A. P. (2020). Mães de anjos: (re)vivenciando a morte do filho como estratégia de enfrentamento. <i>Escola Anna Nery</i> , 24(1). https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2019-0030
O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância	2021	Bezerra, M. A. R., Rocha, R. C., Carneiro, C. T., Rocha, K. N. de S., Moura, D. F. S., & Rocha, S. S. da. (2022). O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância. <i>Escola Anna Nery</i> , 26. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0264
Processo de construção da identidade ocupacional materna interrompida pelo luto	2021	Menegat, D., Dahdah, D. F., Bombarda, T. B., & Joaquim, R. H. V. T. (2021). Processo de construção da identidade ocupacional materna interrompida pelo luto. <i>Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional</i> , 29. https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE2134
Sempre serei sua mãe: luto e resignificação de mães de crianças e adolescentes em tratamento oncológico	2021	Frasson, T.C, Castro, A., & Vidal, G. P. (2021). <i>Sempre serei sua mãe: luto e resignificação de mães de crianças e adolescentes em tratamento oncológico</i> . 10(3), 381–397. https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1349246
Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal	2021	Gonçalves Lopes, B., Carletto, M. R., Ivastcheschen, T., & De Oliveira Borges, P. K. (2021). Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal. <i>Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online</i> , 13, 1493–1498. https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1337762#:~:text=Sentimentos%20como%20raiva%2C%20medo%2C%20choque
"Jardins das ocupações": estratégias de cuidados diante de perdas ocupacionais e luto	2022	Nascimento, C. A. V. do, Souza, A. M. de, & Corrêa, V. A. C. (2022). "Jardins das ocupações": estratégias de cuidados diante de perdas ocupacionais e luto. <i>Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional</i> , 30. https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN239631281
Retomando o futuro: a reconstrução de si por meio de grupos de apoio	2022	Talone, V. da G. (2022). Retomando o futuro: A reconstrução de si por meio de grupos de apoio. <i>Civitas: Revista de Ciências Sociais</i> , 22, 1–11. https://doi.org/10.15448/1984-7289.2022.1.40601

Fonte: elaborada pelas autoras

Os artigos foram analisados e divididos em categorias quanto aos objetivos das investigações, que retratam a relação que a pessoa tinha com o falecido. Deste modo, 5 categorias foram identificadas: luto materno (46,8%), luto de viúvas (15,6%), luto por perda de jovens na família (9,3%), luto de pais que perderam os filhos (6,25%) e outras vivências de luto por perda de familiares (15,55%).

O Luto Materno

Os 15 artigos (46,8%) trataram especificamente do luto materno. De modo geral, as pesquisas visaram explorar aspectos emocionais, físicos e ocupacionais que mostrassem como as mães vivenciaram e resignificaram esse processo, e quais estratégias para elaboração da perda passaram a compor o seu cotidiano (Alves & Carvalho-Barreto, 2019; Assis et al., 2019; Bezerra et al., 2022; Campos et al., 2020; Consonni & Petean, 2013; França, 2020; 18; 19; Freitas & Michel, 2014; Frizzo et al., 2017b; Gonçalves Lopes et al., 2021; Menegat et al., 2021; Oishi, 2014; Rodrigues et al., 2020; Soares et al., 2020). As mães que perdem filhos referem experienciar a perda do sentido do "mundo da vida", isto é, vai-se um modo de existir em decorrência da dor, que é muito intensa (Franqueira et al., 2015; Freitas &

Michel, 2014). Concomitantemente a esse movimento de desconexão com o presente, perde-se expectativas futuras (Freitas & Michel, 2014).

Quanto ao autocuidado, muitas referem, nos primeiros meses após a perda, alterações no aspecto da alimentação, sono e higiene pessoal. Preparar refeições, pôr a mesa, alimentar-se e, até mesmo, ingerir água torna-se muito difícil, o que gera uma perda de peso significativa. Somado a isso, as mães também experimentam dificuldades para dormir (mesmo com o uso de medicação), ou dormir excessivamente, bem como falta de constância em escovar os dentes e tomar banho (Assis et al., 2019; Bezerra et al., 2022; Campos et al., 2020; Frasson et al., 2021; Gonçalves Lopes et al., 2021; Menegat et al., 2021).

Também foram relatadas dificuldades em dar continuidade na manutenção das tarefas domésticas, de modo que elas precisaram acionar ajuda (Assis et al., 2019; Menegat et al., 2021). Em mais de um estudo, as mães referem não querer/conseguir sair do quarto, levantar da cama para fazer nada, ou até mesmo quase nunca sair de casa (França, 2020; Gonçalves Lopes et al., 2021). No momento em que se dá a perda, também foi identificado no relato das mães a necessidade de mudar-se da casa em que morava com o filho e residir com parentes, seja temporariamente ou de forma definitiva, tendo em vista que seria, para elas, insuportável permanecer no mesmo lugar onde o filho veio a falecer (França, 2020; Franqueira et al., 2015). Também discorrendo sobre o aspecto moradia, também foi identificado no relato das mães tanto o desfazer-se dos móveis, objetos e roupas imediatamente (Franqueira et al., 2015), como uma estratégia de proteção, quanto a manutenção do quarto do(a) filho(a) do mesmo jeito como era quando ele(a) estava vivo (França, 2020). Quanto às relações de trabalho, houve variação nos relatos: algumas mães pontuaram que a vida profissional foi afetada, uma vez que precisaram se afastar do trabalho, e essa necessidade, por sua vez, prejudicou a economia da família com a ameaça que o desemprego apresenta (Franqueira et al., 2015). Outras mães tentaram retornar ao trabalho, mas não conseguiram, ao passo que, para algumas mães, voltar ao trabalho foi uma decisão que colaborou no processo de enfrentamento (Consonni & Petean, 2013; Frasson et al., 2021).

As relações sociais e participação em festas e comemorações em família também foram impactadas, segundo os relatos das mães. Muitas mães relataram ter se afastado da família e amigos, por não querer conversar e lembrar do ocorrido, assim como deixaram de ir às festas/comemorações familiares "por não terem motivos para comemorar", segundo suas palavras (Oishi, 2014). Ademais, as mães também compartilharam que, quando os(as) filhos(as) estavam vivos, era constante a presença dos seus amigos na casa, porém, com o falecimento, os(as) amigos(as) dos(as) filhos(as) deixaram de fazer parte do cotidiano, o que colabora para aumentar o silêncio e a solidão (Freitas & Michel, 2014). Com relação às interações com os outros filhos, as mães relataram tanto terem se aproximado dos filhos, ou ficarem mais atentas à sua saúde, para que eles não adoecessem como o irmão falecido (Alves & Carvalho-Barreto, 2019), quanto terem se afastado deles ao pensar que não era justo os filhos vivos receberem carinho ao passo que o filho falecido não estava mais recebendo. Deste modo, algumas mães também pontuaram terem deixado filhos vivos sem atenção materna, mesmo residindo na mesma casa (França, 2020; Frasson et al., 2021).

Como estratégia de enfrentamento, a busca por Deus, religião ou manifestação de alguma forma de espiritualidade foi citada pelas participantes. As mães relatam ver em Deus uma fonte de consolo e conforto em meio ao luto, que auxiliavam no processo de aceitação da perda do filho (Alves & Carvalho-Barreto, 2019; 14; Freitas & Michel, 2014; Gonçalves Lopes et al., 2021; Menegat et al., 2021; Oishi, 2014).

Outras estratégias que auxiliaram na elaboração da perda citadas de forma mais pontual pelas mães foram: assumir o sonho do filho e fundar um projeto para crianças carentes (Freitas & Michel, 2014); escrever sobre a dor da perda em um blog pessoal, compartilhando momentos difíceis (Frizzo et al., 2017); fundar grupo de apoio para mães enlutadas, criando espaço de trocas (Soares et al., 2020); procurar, na internet, grupos de apoio a pais enlutados (Franqueira et al., 2015); acompanhamento terapêutico (Oishi, 2014); envolver-se nas tarefas domésticas e cuidado de animais (Frasson et al., 2021); e ampliar a rede de apoio, estando receptiva à estar com amigos e familiares (Alves & Carvalho-Barreto, 2019; Franqueira et al., 2015).

Uma das pesquisas, que objetivou analisar dois "grupos de apoio" assistem a pessoas que tiveram um grave contato com a morte, direta ou indiretamente (ou seja, não analisou somente o luto materno), também trouxe o relato de uma mãe enlutada que pontuou ter deixado de comer como um "teste para ver se merecia morrer", segundo as suas palavras, sendo mais um exemplo de como o aspecto da alimentação fica afetado no luto materno (Talone, 2022).

O luto das viúvas

Os 5 artigos (15,6%) retratam especificamente o luto de mulheres viúvas, adultas e idosas. Quatro artigos investigaram a morte de um esposo, numa relação heterossexual (Batista et al., 2018; 29; Frizzo et al., 2017; Stedile et al., 2017), e um retratou a morte de esposa, num relacionamento homossexual (Arima & Freitas, 2017).

De modo geral, os artigos objetivaram compreender como se dá o dia a dia de mulheres que ficaram viúvas, discorrendo sobre as dificuldades e novas possibilidades do seu processo adaptativo. Tal como o luto materno, também foi identificado no discurso das viúvas dificuldades para realizar atividades de autocuidado, como alimentar-se. Comer deixou de ser um momento prazeroso, segundo as colocações, e dormir também passou a ser uma dificuldade. Aspectos esses que corroboraram para um cansaço intenso e uma necessidade de também afastar-se do trabalho temporariamente (Batista et al., 2018; Arima & Freitas, 2017).

Uma dificuldade pontuada pelas viúvas foi em relação à administração da área financeira, recorrendo ao auxílio de filhos para assumir essa nova responsabilidade. Muitas passaram a morar sozinhas, de modo que foi necessário aprender tarefas que antes não desempenhavam (Stedile et al., 2017). O aspecto da religião, busca por Deus ou outras formas de espiritualidade também foi citada como um meio de auxílio em momentos difíceis (Batista et al., 2018). E uma das viúvas passou a relatar no Facebook como estava sendo o período de adoecimento e perda do marido, encontrando nesse espaço uma fonte de expressão da dor e meio de suporte social (Frizzo et al., 2017). Na apresentação dos casos de mulheres que ficaram viúvas de outras mulheres, além dos

atravessamentos na alimentação e sono, também foi relatado mudanças de casa e na organização dos objetos pertencentes ao casal, reorganização da vida financeira e a necessidade de reinventar o modo de ocupar o dia e momentos livres, de lazer. E que essa reestruturação vinha sendo caracterizada pela solidão (Arima & Freitas, 2017).

Um estudo, porém, merece destaque ao dar ênfase aos aspectos positivos da viuvez na vida de mulheres idosas que perderam os maridos. Neste estudo, elas relatam que terem ficado viúvas lhes conferiu independência e sensação de liberdade. Exemplificando esta colocação, as viúvas pontuaram sentirem-se livres para cozinhar quando e o que quiserem, dormir tarde, se preferirem, e realizar os afazeres domésticos quando quiserem. Ademais, também frisaram a liberdade em poder realizar viagens nacionais e internacionais (Carrigo Sílvia & Neves, 2014).

Quanto às atividades que passaram a compor o cotidiano destas viúvas, elas citaram viagens, atividades físicas, como andar de bicicleta, fazer ginástica e dançar; atividades manuais, como produzir rendas, bordados, costura, crochê; e intelectuais, tais como ler o jornal, ler livros e pesquisar coisas de interesse na internet (Carrigo Sílvia & Neves, 2014).

Uma das pesquisas consultadas, que objetivou analisar dois grupos de apoio que assistem a pessoas que tiveram um grave contato com a morte, direta ou indiretamente (ou seja, não analisou viúvas), também trouxe o relato de uma viúva que procurou o grupo para auxiliá-la no processo de elaboração (Talone, 2022).

Luto por perda de jovens na família

Os 3 artigos (9,3%) retrataram a perda de jovens na família. Em todos os casos, o falecimento do jovem se deu por homicídio. Em linhas gerais, os estudos objetivaram investigar as mudanças individuais, familiares e sociais em decorrência da morte do jovem, buscando também compreender quais foram as estratégias de enfrentamento adotadas. Participaram do estudo pais, mães e irmãos destes jovens falecidos (Costa et al., 2017; Domingues et al., 2015). Quanto à dinâmica familiar, as famílias referem um estranhamento dentro do próprio lar, uma vez que as pessoas passaram a ter dificuldade de estar dentro de casa e compartilharem uma refeição. Eles pontuam "passar o dia mais do lado de fora do que dentro de casa", segundo suas palavras (Costa et al., 2017). Outros pontos de modificações da esfera familiar em decorrência da perda do filho foram na área financeira, já que deixa de existir a contribuição financeira do jovem falecido, e alteração na divisão de tarefas domésticas (Costa et al., 2017; Domingues & Dessen, 2013).

Em um caso, o filho falecido deixou 2 filhos pequenos. Assim, a mãe também precisou assumir a responsabilidade de cuidar dos netos (Domingues & Dessen, 2013). Os(as) irmãos(ãs) dos jovens falecidos, crianças e adolescentes, narraram ter tido redução no desempenho acadêmico, uma vez que não conseguiam permanecer na escola e realizar atividades acadêmicas em casa, assim como também perceberam-se interagindo menos com os familiares em casa (Costa et al., 2017).

Como práticas que auxiliaram a elaboração, as famílias relatam que retomar a rotinas, as responsabilidades e inserir novas atividades (não há menção de quais) são benéficas. Ademais, a prática

da fé, religião e apego a Deus também foi mencionado como uma fonte de conforto em meio à dor da perda (Costa et al., 2017; Domingues et al., 2015).

O luto de casais que perderam os filhos

Dos 32 artigos consultados, 2 (6,25%) abordaram especificamente casais heterossexuais, adultos e idosos, que perderam filhos. Objetivou-se compreender como o luto alterou a cotidianidade dos pais que tiveram filhos falecidos na infância (Santos et al., 2015) e compreender como a perda de um filho por câncer impacta a relação conjugal (Morelli et al., 2013).

É apresentado na pesquisa que, diante da perda, os casais precisam desenvolver novas formas e habilidades para continuarem suas vidas e traçarem planos para o futuro, sem a presença do filho. Porém, não é explorado quais habilidades e formas foram estas (Santos et al., 2015). Um dos pais da referida pesquisa também pontuou que o cuidado com os demais filhos aumentou em decorrência do medo de que também adoecessem e morressem (Santos et al., 2015).

De acordo com a percepção de uma mãe que perdeu o filho, a sua dor emocional atravessou o seu relacionamento com o seu marido e demais membros da família. Ela acredita que antes do falecimento do filho, vários parentes estavam mais presentes em sua casa. Assim, diante da perda de um familiar, inaugura-se um exercício tanto individual quanto grupal de reestruturar uma nova identidade familiar, na qual os papéis devem ser redistribuídos, para que não haja sobrecarga (Morelli et al., 2013). A religião também é citada como uma fonte de conforto (Morelli et al., 2013).

Outras vivências de luto por perda de familiares

Dos 32 artigos consultados, 5 (15,55%) discutiram outras vivências de luto por perdas familiares. Dois (6,25%) abordaram o processo de luto de adultos que perderam outros familiares, sem tratar especificamente de um tipo de perda familiar, tal como as demais categorias já apresentadas. Um desses estudos objetivou descrever os sentidos das histórias de perda familiar na perspectiva de adultos que perderam um familiar (Luna, 2020), já o outro visou analisar as repercussões das intervenções oferecidas por um hospital público para pessoas que perderam familiares (Aciole & Bergamo, 2019). Outras experiências de luto também foram relatadas em estudos pontuais. Um (3,1%) objetivou compreender a vivência da família ao perder um parente por suicídio (Dutra et al., 2018); outro (3,1%) visou descrever a experiência de perder um irmão durante a infância e a adolescência (Ramos, 2018), e, por fim, uma pesquisa (3,1%) buscou compreender como os jovens adultos lidam com o falecimento de um de seus pais pelo câncer (Busa et al., 2019).

Os participantes referem que, em virtude da morte de familiares, experimentaram alteração da rotina e dos papéis na dinâmica familiar, sendo necessário aprender novas habilidades, como cuidar dos filhos e da casa. Também se observa falta de motivação para realizar atividades que compunham o cotidiano, como preparar refeições e assistir televisão, pois tais atividades despertavam lembranças do familiar falecido. Igualmente difícil foi resgatar atividades sociais, que eram anteriormente feitas em conjunto (Aciole & Bergamo, 2019).

Como estratégias de enfrentamento, foi citado pelos familiares estar com amigos, trabalhar e estudar, bem como voltar às atividades de autocuidado que foram negligenciadas. Ademais, também foi mencionado práticas religiosas, "terapias espiritualistas" e acompanhamento psicoterapêutico para retomar à vida cotidiana (Luna, 2020; Aciole & Bergamo, 2019).

Em relação à perda de familiar por suicídio, os participantes da pesquisa (que variaram quanto ao grau de parentesco com a pessoa, sendo filhos, esposa, tia, irmã e mãe) relatam não terem vontade de sair da cama ao acordar, perderam vontade de fazer coisas e preferirem ficar sozinhos a conversar. Também relataram precisar de ajuda para ir trabalhar, acionando rede de suporte, como família e amigos. Como estratégia de cuidado, foram citadas a fé em Deus e a busca por ajuda profissional diante do desencadeamento de transtornos psíquicos (Dutra et al., 2018).

Quanto à perda de irmãos, uma pesquisa entrevistou adultos que perderam irmãos durante a infância e adolescência. Os participantes referem terem tido um sentimento de infância roubada, uma vez que precisaram assumir mais responsabilidades em casa, como cuidar de irmãos mais novos ou abandonar os estudos e começar a trabalhar, para contribuir financeiramente (Ramos, 2018).

Por fim, uma pesquisa investigou como jovens adultos lidaram com o falecimento de seus pais, por câncer. Poucos elementos foram discutidos sobre impactos cotidianos do luto. O que foi destacado é que alguns envolveram-se excessivamente em trabalho e a busca por religião/espiritualidade foi um dos recursos buscados para lidar com a perda (Busa et al., 2019).

Discussão

A presente pesquisa de revisão sistemática objetivou conhecer o que as produções brasileiras têm demonstrado e discutido sobre as repercussões do luto nos cotidianos. A partir do material consultado e analisado, percebe-se que o processo de elaboração de luto por perda de entes queridos também é caracterizado por um período de rearranjos cotidianos.

Estudos discutiam que a pessoa enlutada pode apresentar dificuldades para manter a vida laborativa, o autocuidado, bem como comparecer às atividades sociais e de lazer (Souza & Corrêa, 2009). Ademais, uma pesquisa com pessoas enlutadas, em sua maioria adultos e idosos, identificou prejuízos ocupacionais em sete categorias: autocuidado, trabalho, atividades de vida diárias, atividades instrumentais de vida diária, participação social, sono e descanso, alterações gerais no desempenho ocupacional, estudar e brincar (Saciloti & Bombarda, 2022).

Uma das pesquisas selecionadas discorreu sobre perdas significativas, em que há alterações no repertório ocupacional das pessoas, uma vez que elas podem experimentar dificuldades/limitações para realizar atividades, o que pode acarretar sim em perdas ocupacionais observadas no pouco investimento em autocuidado, atividades diárias, trabalho e outros elementos que, outrora foram significativos (Nascimento et al., 2022).

Observou-se que o processo de luto de mulheres tem ganhado muito mais atenção, tendo em vista que mais da metade (62,4%) de todos os estudos que compuseram a revisão visaram explorar especificamente o processo de luto da mulher que perdeu o(a) filho(a) ou cônjuge. E vale destacar que

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(3), 3492-3507, 2025.

46,8% dos estudos consultados investigaram especificamente o luto materno, que foi intitulado como “a maior dor do mundo” (Freitas & Michel, 2014).

Foi possível observar nos relatos das mães que o luto pela perda do filho provocou repercussões em várias esferas cotidianas: no autocuidado, no trabalho, no lazer, na relação com os filhos e demais familiares, na percepção do presente e no engajamento em planejar um futuro, de modo que passou a fazer parte dos cotidianos estratégias de cuidado, como participação em grupos de apoio, acompanhamento terapêutico e busca por Deus/religião/espiritualidade. Afinal, quando um filho morre, nasce na mulher um modo de ser com o filho ausente, que exige de cada mãe um processo de reorganização da relação com o filho que permanece, mas não está (Silva, 2013).

Vale ressaltar que em todas as categorias apresentadas, a busca por Deus/religião/espiritualidade foi uma das estratégias de enfrentamento citadas pelos participantes das pesquisas. Uma pesquisa que objetivou compreender o papel da religiosidade e da espiritualidade no processo de luto de pais cujos filhos morreram crianças, mostrou como os pais viram a perda a partir da ótica da religião/espiritualidade, como: conferindo à vontade boa de Deus a morte do filho e acreditando que os filhos estão vivos em outra dimensão e haverá encontro futuro (Reis et al., 2021).

Entende-se que a esfera da espiritualidade está conectada à profundidade do ser humano, sendo capaz de transformar as emoções de forma positiva, mesmo diante das situações mais difíceis da vida. Vivenciar a perda de uma pessoa amada exige um movimento de elaboração. Neste processo, a espiritualidade contribui ao auxiliar a pessoa a atribuir novos significados às suas vivências com o ente querido falecido, permanecendo a ótica da saudade e boas lembranças (Portela et al., 2020).

Conclusão

Pode-se observar, a partir da revisão de literatura realizada, que o processo de luto por morte de ente querido repercute na esfera cotidiana. As pessoas relataram impactos no autocuidado, sono e descanso, trabalho, atividades domésticas, lazer, participação social e estudo, de modo que se pode inferir que o processo de elaboração de luto também é caracterizado por um período de rearranjos cotidianos. Além dos impactos provocados pela perda, tais rearranjos cotidianos também englobam as estratégias de enfrentamento adotadas. Tais estratégias variaram, passando pelo acompanhamento profissional, práticas religiosas/espirituais, fortalecimento da rede de suporte (amigos e familiares), participação em grupos de apoio, bem como manifestação da dor em redes sociais.

Pode-se concluir também que o luto feminino é amplamente estudado, ao passo que, nesta revisão, não foram encontradas pesquisas que se propusessem a investigar especificamente as repercussões cotidianas do luto masculino.

Como limitações da pesquisa, pode-se apontar que só foram consultadas bases de dados nacionais e com artigos em português, não abrangendo a literatura internacional. Deste modo, recomenda-se que mais investigações sejam feitas no intuito de ampliar a compreensão sobre as repercussões do luto, abrangendo a literatura internacional.

Referências

- Alves, F. A., & Carvalho-Barreto, A. (2019). O luto materno no desenvolvimento familiar: mães que perderam seus filhos em acidentes rodoviários. *Pensando Famílias*, 23(2), 119–133.
- Assis, G. A. P. de, Motta, H. L., & Soares, R. V. (2019). Falando sobre presenças-ausentes: vivências de sofrimento no luto materno. *Revista Do Nufen*, 11(1), 55–70. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01artigo44>
- Corrêa, V. A. C. (2010). *Luto: intervenção em Terapia Ocupacional*. Amazônia Editora.
- Domingues, D. F., & Dessen, M. A. (2013). Reorganização familiar e rede social de apoio pós-homicídio juvenil. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 29(2), 141–148. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000200003>
- Francisco, B. R. (1998). *Terapia ocupacional*. Papirus
- Francisco, B. R. (2001). *Terapia Ocupacional* (2nd ed.). Papirus.
- Franco, M. H. P. (2012). Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. *O Mundo Da Saúde*, 36(1), 54–58. https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/crises_desastres_resposta_psicologica_luto.pdf
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno*. Summus Editorial.
- Galheigo, S. M. (2003). O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista de Terapia Ocupacional Da Universidade de São Paulo*, 14(3). <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v14i3p104-109>
- Galheigo, S. M. (2020). Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(1), 5–25. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., & McGuinness, L. A. (2022). A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. *Epidemiologia E Serviços de Saúde*, 31(2). <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742022000200033>
- Parkes, C. M. (1971). Psycho-social transitions: A field for study. *Social Science & Medicine* (1967), 5(2), 101–115. [https://doi.org/10.1016/0037-7856\(71\)90091-6](https://doi.org/10.1016/0037-7856(71)90091-6)
- Portela, R. de A., Passos, H. M., Sousa, S. de M. A. de, Brugin, E. S., & Silva, A. C. O. (2020). A espiritualidade no enfrentamento do luto: Compreender para cuidar. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 74413–74423. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-025>
- Reis, C. G. da C. dos, Quintana, A. M., & Nardino, F. (2021). Religiosidade e Espiritualidade no Processo de Luto de Pais cujos Filhos Morreram Crianças. *Estudos E Pesquisas Em Psicologia*, 21(1), 136–155. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59375>
- Saciloti, I. P., & Bombarda, T. B. (2022). Abordagem ao luto: aspectos exploratórios sobre a assistência de terapeutas ocupacionais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO249532641>
- Santos, G. C. B. F. (2019). Intervenção do profissional de saúde mental em situações de perda e luto no Brasil. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, 2(3), 116. <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2017.v2i3.116-137>
- Silva, P. K. de S. (2013). *Experiências maternas de perda de um filho com câncer infantil: uma compreensão fenomenológico-existencial [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]*. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_32cdab1e2228841d8e1ccc0b0724051f

Souza, A. M. de, & Corrêa, V. A. C. (2009). Compreendendo o pesar do luto nas atividades ocupacionais. *Revista Do NUFEN*, 1(2), 131-148.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2175-25912009000200009

Contribuição dos autores: A. P. N. S.: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. E. C. R.: Elaboração, análise dos dados, revisão do texto.

Recebido em: 11/09/2024

Aceito em: 29/04/2025

Publicado em: 31/07/2025

Editor(a): Marina Rosas